

Revista de Imprensa – 28.08.2025

Revista de Imprensa – 28.08.2025

Revista de Imprensa

1. Retificação, Açoriano Oriental, 28/08/2025 1

2. Estamos prontos para disputar a I Divisão, mas sabemos que vai ser muito complicado, Correio do Minho, 28/08/2025 2

3. Prova começa amanhã - III TORNEIO LUÍS OLIVEIRA JOGA-SE EM FAFE E CONTA COM XICO E ARSENAL DA DEVESA, Diário do Minho, 28/08/2025 3

4. GRANDE ENTREVISTA JOSÉ LUÍS CARNEIRO - “SEI CORRER OS 100 METROS, MAS SOU UM CORREDOR DE FUNDO”, Visão, 28/08/2025 4

CISION

Açoriano Oriental

Meio: Imprensa
País: Portugal
Área: 32,5cm²
Âmbito: Regional
Period.: Diária
Pág: 28

ID: 118864220 28-08-2025



Retificação

O Açoriano Oriental, na sua edição de 26 de agosto, noticiou erradamente, na página 20, a divisão onde o Sporting da Horta vai competir na temporada de andebol de 2025/2026.

Assim, na notícia com o título "Sporting da Horta, jovem e renovado, "ataca" manutenção na II Divisão", a referência II Divisão está errada, uma vez que a equipa faialense vai competir na Divisão de Honra, uma divisão intermédia entre a primeira e segunda divisões de andebol.

Aos nossos leitores e aos visados pedimos desculpa pelo erro. ■

CISION

Correio do Minho

ID: 118864533 28-08-2025

Meio: Imprensa
País: Portugal
Área: 456,44cm²
Âmbito: Regional
Period.: Diária
Pág: 25



"Estamos prontos para disputar a I Divisão, mas sabemos que vai ser muito complicado"

CARLOS SARAIVA, coordenador da secção de andebol do Arsenal Clube da Devesa, perspectiva uma época 2025/2026 a grande nível por parte da equipa, na luta pela manutenção na I Divisão. Director apela ao apoio das entidades empresariais da cidade.

FÓRUM DESPORTO
| Carlos Costinha Sousa |

Depois de uma temporada de destaque no Campeonato da Divisão de Honra de Andebol, que terminou com a conquista da subida de regresso à divisão maior da modalidade em Portugal, a secção de andebol do Arsenal Clube da Devesa está pronto para começar uma nova temporada entre os grandes da modalidade a nível nacional.

No programa Fórum Desporto da rádio Antena Minho, o coordenador da secção, Carlos Saraiva, recordou a época 2024/2025, que considerou "fantástica" e fez a antevisão da nova temporada, para além de abordar uma situação que "deixa mágoa" por continuar a acontecer e que se prende com as questões financeiras do clube, uma das "maiores dificuldades que temos".

"Estamos convencidos de que podemos fazer uma boa temporada neste regresso à I Divisão. Temos uma equipa muito jovem, que sofreu muitas alterações, mas temos qualidade. Claro que sabemos que vamos defrontar equipas muito mais fortes e com orçamentos que não têm qualquer tipo de comparação, mas nós temos capacidades e qualidade para lutarmos pelo nosso objectivo, que é muito simples: queremos garantir a manutenção da forma mais tranquila possível", refere o dirigente, apontando as metas para a nova época.



Carlos Saraiva diz que o Arsenal Andebol está pronto para a nova época, mas deixa apelo "às forças vivas das cidade"

> "O concelho de Braga tem um mercado empresarial e industrial muito grande, com grandes empresas. E eu só peço que olhem um pouco para o Arsenal e vejam o trabalho que tem sido feito. Somos uns grandes representantes da cidade em todo o país."

Carlos Saraiva lembra ainda que o facto de ser possível continuar a manter Gabriel Oliveira e a sua equipa técnica no comando da equipa "é extraordinário para nós. O professor Gabriel é um homem do andebol e conhece a modalidade como niguém. Ainda bem que continua connosco e sabemos que estamos muito, mas muito bem servidos a nível técnico. Aliás, não só nos seniores, mas em todos os escalões".

O dirigente aproveitou ainda a oportunidade para deixar um apelo às forças vivas da cidade de Braga: "Apoiem o Arsenal. Olhem para tudo o que este clube tem feito, nos seniores e na formação, e vejam que a qualidade está lá. E lembrem-se que somos uma equipa que vai representar a cidade e todo o concelho por todo o país e pelas ilhas. Vamos ter transmissões televisivas. Portanto há muita visibilidade para todos".

+ mais

"Neste momento somos o único clube a nível nacional que tem dívida zero à Federação de Andebol de Portugal. É incrível, mas é verdade e já pedi aos responsáveis federativos e desafiei-os a darem a conhecer a lista de clubes devedores. Certamente haveria algumas situações interessantes de analisar", refere Carlos Saraiva, lembrando que há dois anos a dívida do clube à FPA era de 32 mil euros, mas que "houve um grande trabalho por parte da direcção do clube para apertar ainda mais o cinto para resolver esta questão. Contámos com um apoio extraordinário de uma entidade - que não vou referir o nome - que foi uma ajuda enorme para resolver a situação da dívida e agora queremos dar continuidade a este marca de dívida zero. E fizemos isto mantendo a qualidade competitiva".

CISION

Diário do Minho

Meio: Imprensa
País: Portugal
Área: 78,88cm²
Âmbito: Regional
Period.: Diária
Pág: 26

ID: 118865163

28-08-2025



Prova começa amanhã

III TORNEIO LUÍS OLIVEIRA JOGA-SE EM FAFE E CONTA COM "XICO" E ARSENAL DA DEVESA

O Pavilhão Multiusos de Fafe é palco, a partir de hoje, do III Torneio Luís Oliveira, organizado pelo AC Fafe, uma competição de pré-época que já se consolidou como um marco no calendário do andebol nacional e que homenageia uma das figuras de referência do andebol fafense.

A edição deste ano contará com a presença do AC Fafe, Xico Andebol, Arsenal da Devesa e FC Porto B.

O torneio será disputado amanhã e sábado, no Pavilhão Municipal de Fafe.

O primeiro jogo do Xico Andebol, que compete no segundo escalão (divisão de Honra), será frente ao Arsenal da Devesa, equipa bracarense que, em 2025/2026, competirá no principal escalão do andebol português. **Pedro Vieira da Silva**

CISION

VISÃO

Meio: Imprensa
País: Portugal
Área: 5589,8cm²
Âmbito: Interesse Geral
Period.: Semanal
Pág: 44-55,4,1

ID: 118863805
28-08-2025



ENTREVISTA

JOSÉ LUÍS CARNEIRO

Sou muito corajoso e já dei provas disso

"O líder da oposição sou eu e não André Ventura", diz o secretário-geral do PS, e explica porquê. Sugere a Luís Montenegro que lhe telefone, de vez em quando, e dá o exemplo dos incêndios. Entre propostas políticas e críticas cerradas ao Governo, define linhas vermelhas para a viabilização do próximo Orçamento e revela aspetos da sua vida pessoal, da formação católica ao gosto pelo desporto. No futsal, parece que temos craque. E na política?

— POR **MARGARIDA DAVIM** TEXTO **JOSÉ CARLOS CARVALHO** FOTOS

CISION

VISÃO

Meio: Imprensa
País: Portugal
Área: 5589,8cm²
Âmbito: Interesse Geral
Period.: Semanal
Pág: 44-55,4,1

ID: 118863805
28-08-2025



José Luís Carneiro diz que não gosta de perder "nem a feijões", e empolga-se quando fala dos tempos em que foi autarca em Baião e conseguiu feitos impressionantes, como reduzir drasticamente o abandono escolar ou garantir que toda a população tivesse médico de família. Foi, admite, o momento "mais feliz" até agora como político. O homem que toca vários instrumentos (do acordeão à bateria) gostava de ter sido jogador da bola, mas a mãe não o deixou, com medo das lesões. Seria um médio ofensivo, porque gosta de "marcar golos e distribuir jogo". Sem ter tido uma carreira futebolística, criou equipas de futebol de cinco nos governos em que esteve como secretário de Estado das Comunidades, primeiro, e depois no Ministério da Administração Interna. Garante que é muito corajoso e tem histórias na diáspora que o provam. Sentiu a vocação "das missões" depois de ler, na adolescência, sobre um herói católico que trabalhou com leprosos. Mas o interesse pelos Estudos Africanos acabou por o levar para o Jornalismo. Hoje, lamenta que Luís Montenegro não o oiça, mas diz-se determinado a ajudar o PSD a não cair nas mãos do Chega. Isto, apesar de não dar como certa a viabilização do Orçamento do Estado para 2026: as leis laborais, a Saúde e a Segurança Social são os temas em que traça as suas linhas vermelhas. E, para quem tem pressa na definição do apoio a António José Seguro nas presidenciais, deixa um aviso: "Não vale a pena andarem, por portas e travessas, a tentar condicionar aquilo que o secretário-geral decidiu."

CISION

VISÃO

ID: 118863805

28-08-2025

Meio: Imprensa
País: Portugal
Área: 5589,8cm²
Âmbito: Interesse Geral
Period.: Semanal
Pág: 44-55,4,1



Em que momento é que decidiu dedicar-se à política?
Desde os meus 14 anos que estive ligado a um grupo de jovens católico, que angariava apoios, fundos, para equipamentos, ações de solidariedade com os mais carenciados. E também para a realização de festivais de música popular e de música diversa.
Ou seja, era uma forma de ativismo.
No fundo, de ativismo. O meu pai já tinha feito parte da Juventude Operária Católica e muito na linha das pessoas que também trabalharam no pós-25 de Abril nas campanhas de alfabetização...
O seu pai esteve nisso?
Os meus pais também estiveram nesse movimento com amigos. Um deles foi aquele que subscreveu a ficha para me tornar militante do PS, o Manuel Pereira Cardoso, que foi vereador da cultura da Câmara Municipal de Baião.
Que idade tinha quando entrou no PS?
Entrei em 1993 nos grupos de trabalho autárquico, altura em que conheci o António Guterres. Devia ter 19, 20 anos. Fazia parte do movimento juvenil desde os meus 14, 15 anos, mas entrei nas atividades do Partido Socialista em 1993...
Esteve na JS?
Nós não tínhamos a Juventude Socialista na altura. Entrei nas atividades do Partido Socialista, primeiro, integrando os grupos de trabalho, preparando uma intervenção para uma sessão em que esteve o António Guterres na apresentação dos candidatos autárquicos, sobre o ambiente. Foi na altura da Cimeira da Terra no Rio de Janeiro. Fui convidado para as listas nesse ano, mas não aceitei porque estava no 2º ou 3º ano da faculdade.
O que é que faziam os seus pais?
A minha mãe é doméstica. O meu pai trabalhava nos Correios. E tinha uma pequena propriedade rural, que, aliás, era dos meus avós também. Avós e bisavós.
Ainda mantém essas terras?
Ainda mantemos algumas dessas pequenas propriedades. Agora, sem qualquer fim lucrativo.
O seu pai fez parte do movimento operário católico. Era uma casa onde se falava de política?
O meu pai foi sindicalizado toda a vida. Era uma pessoa com muita consciência dos direitos dos trabalhadores, da importância da dignidade do trabalho e dessa permanente tensão entre o trabalho e o capital. Tinha essa consciência de classe. A minha mãe, porque as suas origens eram mais ligadas à propriedade rural, tinha uma veia mais conservadora. Todo o pensamento com que convivi na infância, e na adolescência, foi muito um pensamento de justiça social. Muito também marcado pelo Vaticano II, contra o capitalismo selvagem e pela proteção do trabalho e pela procura da justiça social. Acho que isso é aquilo que marca toda a minha estrutura de personalidade. Tem muito que ver com essa busca incessante da justiça social, valorizando naturalmente a liberdade e a autonomia e a autoconsciencialização cívica para a construção do dever coletivo. Por isso é que a minha opção pelo PS é muito clara, muito consciente de que é o partido que melhor compatibiliza estes valores, o valor da liberdade, da autonomia para criar, da liberdade para emancipar, da autonomia para a responsabilidade e, simultaneamente, a procura da justiça social.
Como é que foi o José Luís Carneiro jovem? Que interesses é que tinha?
Tinha vocação para várias coisas. Tinha sempre muita atividade. Fazia pesca, praticava futebol, atletismo, pingue-pongue, bilhar, música.
Sabe tocar alguma coisa?
Sim, mas de forma amadora. Com 11 anos, aprendi a tocar acordeão. Não havia escola de música, mas havia um mestre, a quem eu me dirigia todos os sábados à tarde. Em regra, tinha uma hora de lição, e depois ia ter com o meu avô. Ele gostava muito de instrumentos, porque os meus antepassados do lado do meu pai, todos tinham uma tuna, tocavam instrumentos tradicionais, o bandolim, o cavaquinho, o violão. Eu tinha 11 anos, 12 anos, e quando chegava, depois da lição, o meu avô era o meu espectador.
Ia tocar ali um bocadinho ao avô.
Não, não era um bocadinho, era uma hora, duas horas.
Então ainda é capaz de tocar um acordeão?
Sim, sim. Aliás, quando fui presidente da Câmara Municipal de Baião, estimulei a criação de um grupo musical com os trabalhadores da câmara, porque a autarquia estava muito dividida e porque tinha uma sensibilidade para a música. Aprendi órgão, toco um bocadinho de bateria, faço os acordes de violão.
E nas atividades desportivas ganhou alguma medalha?
Tive vários prémios de atletismo em

CISION

VISÃO

Meio: Imprensa **Âmbito:** Interesse Geral
País: Portugal **Period.:** Semanal
Área: 5589,8cm² **Pág:** 44-55,4,1

ID: 118863805 28-08-2025



provas de dois quilómetros, provas de oito quilómetros. Fazia bem oito quilómetros. Na altura, fazia em 25, 30 minutos. Fiz mais do que uma prova de bilhar e consegui segundos lugares. No bilhar nunca fiquei com o primeiro prémio, mas jogava bastante bem. Eu sou muito competitivo.

Ter sido jornalista deu-me uma precisão na escrita muito grande. Mas os títulos não eram meus. Às vezes, isso incomodava-me, porque O Independente tinha títulos excessivamente disruptivos

Quando se mete nalguma coisa é para ganhar?
Mesmo. É para ganhar. Não gosto de perder nem a feijões. Quando fui para a Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas, criei uma equipa de futebol, que depois jogava com vários ministérios, em futebol de cinco. Quando fui para o Ministério da Administração Interna (MAI), criei também uma equipa e jogávamos de 15 em 15 dias. Gosto muito de jogar futebol. Nunca fui jogador de futebol porque os meus pais tinham medo que eu me magoasse, porque tive duas, três lesões fortes em futebol de cinco. A minha mãe sofria muito quando eu jogava futebol, porque essa lesão foi bastante dolorosa e tive de fazer uma intervenção cirúrgica. Mas eu adorava jogar futebol.
Qual é a sua posição?
Médio ofensivo. Gosto de marcar golos, mas também gosto de distribuir jogo.
E qual é o seu clube?
O Benfica.
E é doente pelo Benfica?
Não, não sou doente. Para ver a democracia que há lá em casa, eu sou do Benfica, a minha mulher é do Sporting e os meus dois filhos são do FC Porto. E o Francisco joga futebol.
Tem um rapaz e uma rapariga?
O rapaz tem 19 anos e a menina tem 16. Ela não gosta muito de desporto, mas estou a ver se consigo convencê-la. Mas ele gosta.
Porque é que decidiu estudar Estudos Africanos?
Primeiro, fiz Relações Internacionais. Eu sempre gostei muito de Geografia e de História. São as minhas áreas prediletas.
Era muito bom aluno?
Fui um aluno com 16 de média no Secundário. Depois, nós fomos prejudicados com aquela prova, a PGA (Prova Geral de Acesso). Fui do primeiro grupo que foi queimado com a PGA. Aconteceu muito, até aos melhores alunos, porque aquela primeira prova tinha uma grande carga de subjetividade.
Foi às manifestações contra a PGA?
Não estive nas manifestações. Mas a PGA teve, de facto, impacto. Como eu gostava de História e Geografia, podia ter optado por Direito ou pelas Relações Internacionais. Optei pelas Relações Internacionais, porque tinha muito mais que ver com a minha personalidade e com os meus gostos. Depois, fui o melhor aluno do curso de Relações Internacionais 1989-94, na Lusíada, no Porto, e fui convidado para ficar como assistente na Lusíada, aqui em Lisboa.
Mas porquê o mestrado em Estudos Africanos?
Fui o melhor aluno também na cadeira de Estudos Africanos, dentro da licenciatura, com 18 valores. E tinha um professor fantástico, que era o Fernando Chambino. Tinha sempre sala cheia. Ele falava-nos de África como... Quer dizer, era extraordinário. Para nós, era todo um imaginário que se abria nas aulas de África. E eu sempre tive uma predisposição para ir para a cooperação, para o desenvolvimento.
Isso tinha que ver com o seu lado católico?
Houve um livro que me marcou bastante, que é um livro católico, sobre um padre belga, que foi viver para uma ilha de leprosos, que é *O Herói de Molokai*. Aquilo mexeu muito comigo quando eu tinha 10, 11 anos, talvez. Eu lia muito banda desenhada e esse livro apareceu-me nessa versão e é sobre um herói, que é alguém que toma conhecimento de que havia uma ilha para onde eram encaminhados os leprosos e que ficavam lá até perecerem. Até que ele diz: "Bom, não pode ser assim." E vai viver com os leprosos, sabendo que vai apanhar lepra. E, portanto, fez todo um trabalho para reerguer aquelas pessoas do ponto de vista humano, da sua autoestima. Constrói escolas, constrói um hospital, de tal maneira que depois é objeto de uma visita da rainha da Inglaterra e ganha uma condecoração. Ele acaba por morrer também de lepra. Mas esse livro marcou-me na perspetiva de sentir uma vocação, um apelo íntimo para me dedicar às missões. Depois, quando tive a cadeira da África, senti que também havia ali um desconhecido que tinha um certo encantamento. Fui também o melhor aluno do mestrado de Estudos Africanos e comecei a assumir também esta área como área da minha responsabilidade na própria universidade.
Como é que aconteceu trabalhar como jornalista?
Acontece que *O Independente*, na altura, tinha um jornalista, o Jorge Araújo, que foi fundar o *Já* e saiu. Era ele que acompanhava as questões africanas n'*O Independente*. E *O Independente* foi recrutar alguém à universidade. O primeiro texto foi so-

CISION

VISÃO

Meio: Imprensa **Âmbito:** Interesse Geral
País: Portugal **Period.:** Semanal
Área: 5589,8cm² **Pág:** 44-55,4,1

ID: 118863805 28-08-2025

bre o encontro de Savimbi com o José Eduardo dos Santos no Gabão. Foi a 1 de março de 1996, se não me engano. Fiz o primeiro texto e fui recrutado. Escrevia n'*O Independente*, em regra, um dia por semana, ou quarta ou quinta-feira. E dava as aulas também. Mas ganhava mais a escrever na altura do que a dar aulas. Nesses tempos, nós ganhávamos por uma página, 3 500 caracteres, o que corresponde, hoje, a cerca de 200 euros e cerca de 400 euros por 7 000 caracteres.

Era jornalista do Internacional?

No fundo, era um colaborador. Trabalhava a recibos verdes.

Qual foi a história que gostou mais de fazer ou que teve mais impacto?

Tinha tudo muito impacto. *O Independente* era muito lido em Angola. A elite angolana estava atenta, muito atenta, ao que se escrevia n'*O Independente*. Porque havia um acompanhamento específico sobre as questões africanas. Poucos jornais tinham uma cobertura tão grande.

E sofria pressões, por exemplo, de Angola?

Não. Tinha, como vocês têm também, as pessoas que gostam de fazer chegar as suas informações.

Tinha as suas fontes.

Fui criando as minhas fontes predilectas. E depois também já tinha de dar o meu desconto à informação que recebia. Mas sabe que foi uma coisa que se me revelou muito útil? Deu-me uma precisão na escrita muito grande. Mas os títulos não eram meus. Às vezes, isso incomodava-me, porque *O Independente* tinha títulos muito criativos e às vezes excessivamente disruptivos. E eu era sempre muito rigoroso, porque também estava a desenvolver a minha tese académica e era muito rigoroso na escrita.

Quem era o seu editor?

Eu entro naquela transição, quando saiu o Paulo Portas e entrou o Isaías Gomes Teixeira. Quem editava era o Paulo Mascarenhas e o Franco Caruso. Estava lá também um comentador da CNN, que é o João Marques Almeida, que eu conheci também a escrever. E há vários que eu conheci dessa época ligados à cultura, porque eu ia um dia ou dois dias à redação, que era quando convivíamos. *O Independente* estava ali por cima da Portugália e íamos lá comer o nosso bife. Havia ali uma convivência muito sadia, embora eu fosse um pouco outsider da redação, mas havia uma boa relação de amizade e de estímulo. Também com a Inês Serra Lopes, que foi minha diretora até à data em que saí. Porque depois eu vim, em 1999, para assessor do MAI, precisamente para a equipa de Estrangeiros e Fronteiras, quando o Fernando Gomes veio para o governo. Saí, porque era incompatível.

Tendo sido jornalista e sendo político, o que é que acha da ideia da bolha mediática?

Acho que, na maior parte das vezes, a prioridade editorial e o que se faz no comentário, que vai atrás da prioridade editorial, não corresponde à realidade concreta das pessoas, nem àquilo que são as prioridades para as pessoas. Para mim, isso é evidente. Estive há dias nos Açores e queria colocar na agenda as questões que têm que ver com a diversificação da economia dos Açores. Mas o que é certo é que as perguntas estavam a ser dirigidas a partir de Lisboa, para os jornalistas que estavam nos Açores, para só fazerem as perguntas que interessavam.

Portanto, vai a algum sítio e só interessa para o cenário. Porque a pergunta é igual, estando lá ou cá?

O que desilude muitas pessoas que estão nos territórios locais. As pessoas gostavam que nós pudéssemos também ilustrar o que de positivo está a ser construído nos territórios ou falar sobre as fragilidades dos territórios, as assimetrias sociais, ou económicas, ou institucionais... E o que é certo é que depois acaba por sair aquilo que logo pela manhã cedo se determinou que era a agenda do dia.

> **“A extinção de serviços degradou imenso a capacidade de resposta do Estado. Isso cria um sentimento de impotência. Diria que esse é um dos principais pontos críticos hoje nas democracias”**

Ser autarca é a melhor escola para ser político?

Não queria desmerecer as outras escolas. Para mim, é uma grande escola. Se há função onde eu fui feliz, foi na função autárquica. Porque ela comporta a identificação dos problemas em proximidade, em diálogo com as pessoas, na compreensão daquilo que são as preocupações das pessoas. Permite que sejamos capazes de construir as soluções com recursos, muitas vezes escassos, mas também exige criatividade para, com recursos escassos, definir as prioridades que vão de encontro às pessoas. E ainda temos o tempo de poder ver o efeito das opções na vida das pessoas.

É a função política de maior proximidade?

Fui secretário de Estado das Comunidades Portuguesas e também fui um secretário de muita proximidade. Fui onde os portugueses estavam com dificuldades. Fui o primeiro a chegar. Ou se não fui o primeiro, fui um dos primeiros a chegar. E nunca regateei esforços. Quando foi o ciclone *Idai* em Moçambique ou quando fui, na crise da Venezuela, libertar dois jovens à cadeia. Ou quando fui ao furacão *Irma*, nas Caraíbas, quando estava tudo literalmente destruído, socorrer as pessoas, levar comigo os meios do Estado português, fazer com que as pessoas sentissem que o Estado português estava lá.

Mas, ainda assim, não é o mesmo grau de proximidade de estar à frente de uma autarquia, pois não?

O que é que tem a autarquia que não têm as outras funções políticas? Tem a dimensão da materialização dos valores na vida das pessoas. E isso é uma realização extraordinária, sentir que se faz a diferença na vida dos outros. Isso nem sempre se consegue nos níveis superiores, porque entre conceber, planear, lançar os procedimentos... Sai-se da função e só ao fim de três, quatro, cinco ou seis anos é que se consegue ver o resultado das políticas. Isso aconteceu-me no MAI, com a Lei de Programação de Investimento em Infraestruturas e Equipamentos. Foi a primeira lei que nós aprovámos no Conselho de Ministros: 607 milhões para investir em infraestruturas e equipamentos para as forças de segurança. Deleguei poderes no diretor da PSP e no comandante-geral da GNR... Mas o certo é que eu saí e a lei ainda está agora para ser executada.

CISION

VISÃO

Meio: Imprensa **Âmbito:** Interesse Geral
País: Portugal **Period.:** Semanal
Área: 5589,8cm² **Pág:** 44-55,4,1

ID: 118863805 28-08-2025



Como é que isso acontece?
Porque há uma complexidade administrativa burocrática e o próprio Estado também está enfraquecido do ponto de vista das suas próprias capacidades, muito em resultado do que se fez durante a assistência financeira da Troika. A extinção de serviços degradou imenso a capacidade de resposta do Estado. Isso cria um sentimento de impotência. Diria que esse é um dos principais pontos críticos hoje nas democracias. A complexidade do processo decisório nas democracias e a complexidade técnica das soluções a adotar distanciam o eleito do eleitor e cria o sentimento de falta de eficácia ou ineficiência. E quem é que se aproveita disto? Quem atenta contra as instituições da democracia.

O que é que aquilo que fez em Baião diz de si como político?
Diz tudo. Primeira prioridade: educação. Baião estava entre os concelhos com maiores taxas de abandono e de insucessos escolares. Oito, nove anos depois, Baião passou a integrar o grupo dos que mais evoluíram em termos de abandono e de insucesso escolar. Reordenei toda a rede escolar, mas a primeira medida que tomei foi pôr refeições nas escolas. Entrei em novembro e em fevereiro todas as crianças tinham refeições nas escolas, tinham Educação Física e Educação Musical.

Não havia refeições nas escolas porquê?
Tínhamos mais de 90% das crianças que estavam na escola só durante a manhã, a meio tempo. E, dentro da mesma sala de aula, tínhamos dois ou três níveis de ensino. O que significa que tinham metade do tempo letivo e essa metade do tempo letivo era repartida dentro da sala de aula por dois ou três níveis de ensino. Como é evidente, só poderia dar maus resultados do ponto de vista da aprendizagem. E como dava maus resultados na aprendizagem, o que acontecia com essas crianças? Saíam da escola.

E resolveu isso reorganizando as escolas?
Reorganizando toda a rede escolar. Depois isso veio a ser uma prioridade do José Sócrates como primeiro-ministro e da Maria de Lurdes Rodrigues, a quem deve ser sublinhada a importância da sua ação como ministra da Educação e a coragem que teve no combate ao abandono e aos sucessos escolares. A aposta no pré-escolar e na rede pré-escolar dos anos 90, com Marçal Grilo, e depois o reordenamento da rede escolar nos anos 2000, com a Maria de Lurdes Rodrigues, foram das mudanças mais substantivas. Mas essa opção, eu tinha-a tomado antes mesmo do governo. Tivemos também uma nova escola secundária, tivemos a capacitação da população adulta... Durante o período em que eu estive como presidente, só mulheres foram quase quatro mil que tiveram ações de escolarização. A educação foi a primeira prioridade. A segunda prioridade foi a saúde. Reordenámos também a rede, construímos um novo centro de saúde, lançámos a primeira experiência de unidades móveis de saúde no País, que foi premiada, aliás, como uma das melhores práticas locais quando eu era autarca. Não imagina a dificuldade que eu tive em pôr em prática a Unidade Móvel de Saúde.

Porque é que teve essa ideia?
Porque detetei que os idosos a grande dificuldade que tinham era a prescrição dos medicamentos. Tinham de se deslocar das suas aldeias, muitas vezes sem transportes públicos, e sem transporte pessoal, para ir ao centro de saúde, só para ter a prescrição. A unidade móvel de saúde permitia não apenas garantir a prescrição, como equipas de enfermagem e, sempre que possível, ter um médico, que percorria todas as freguesias, todas as aldeias, com um horário predeterminado, para garantir um acompanhamento de saúde preventiva. Foi uma mudança muito significativa. Pouco tempo depois disso, estávamos com a população toda coberta com médico de família.

Como conseguiu isso?
Em 2006, dava alojamento aos médicos. Arrendámos casas para os médicos e dávamos benefícios. Àqueles que acabavam o curso de Medicina e que depois têm de fazer um determinado

CISION

VISÃO

Meio: Imprensa **Âmbito:** Interesse Geral
País: Portugal **Period.:** Semanal
Área: 5589,8cm² **Pág:** 44-55,4,1

ID: 118863805

28-08-2025

Se estivesse no lugar de Luís Montenegro, pegava no telefone de quando em vez e ligava ao líder da oposição. Perguntava: "O que é que achas sobre isto? Qual é a tua opinião sobre os incêndios?"



tempo de internato, o que lhes criávamos era as condições para que fizessem o internato no concelho. E muitos foram e ficaram. Depois, vieram a sair porque as condições mudaram e é evidente que procuram sempre aproximar-se dos seus locais de origem. Mas foi uma mudança também, sobretudo na prioridade. A terceira prioridade foram as questões que tinham que ver com o espaço, com o território. Agora já está muito em voga, mas fomos pioneiros no transporte à chamada. É evidente que não há sustentabilidade para ter carreiras permanentes em territórios de baixa densidade. Tem de se encontrar um modelo de transporte que seja feito à chamada, em função da necessidade.

Foi um autarca inovador, é isso?

Sim. Hoje é muito vulgar falar dos contratos locais de desenvolvimento. Quem propôs essa medida fui eu, como autarca. Quando houve a crise, em 2008, houve um grande fluxo emigratório, particularmente entre quem trabalhava nos setores da construção civil. Houve uma saída massiva, particularmente dos homens, pais.

E o que é que começou a acontecer?

Os primeiros sinais de indisciplina e os primeiros indícios de mal-estar nas famílias começaram a aparecer na escola. Na altura, fiz um ciclo de conferências, com o Daniel Sampaio, com o Machado Vaz, com as famílias. Para quê? Para capacitar a comunidade para lidar com uma nova realidade de dificuldades sociais. No território em si, lancei também o conceito dos Centros Cívicos. Uma reconstituição do território que vocacionasse os locais de identidade, de encontro, que desapareceram por força da nova construção que emergiu nos anos 80, nos anos 90.

As praças?

As praças. Tive de recriar os espaços, pedindo aos arquitetos que trabalharam comigo na altura, para, por um lado, colocar o espaço que permitisse a prática de desporto informal para os adolescentes e jovens. Tinha futebol de cinco, tinha basquetebol, tinha andebol, tinha ténis, várias modalidades. E depois também espaços para pequenos exercícios físicos para os mais idosos. E locais de recreio de crianças, com parques infantis. E tinha depois espaço para a música, para o teatro, para a dança. Portanto, lancei todo um projeto, que não teve financiamento comunitário. Mas que está em todo o concelho, em todas as freguesias.

Portanto, essa sua obra feita mostra que é um político inovador?

E que faz. E persistente. Baião foi o primeiro concelho a produzir biodiesel nas próprias instalações municipais a partir dos óleos domésticos.

Tem um sotaque carregado que faz questão de não disfarçar. Acha que essa marca é uma mais-valia ou um problema para o marketing político?

Apesar de tudo, dizem-me que já não estou igual. Em Baião já se queixam. Mas não há cá lições para mudar. Agora, a nossa vivência também nos muda.

Mas acha que é uma mais-valia?

Não penso nisso nestes termos. Sou como sou.

O Presidente da República disse uma vez que Luís Montenegro, que vem de Espinho, é um rural urbano. Quem vem de Baião é o quê?

O ser humano tem a tendência de categorizar. O ideal é que não haja muros e não sejam realidades estanques. O que importa é que estas realidades dialoguem. Um bom político, do meu ponto de vista, tem de ser o intérprete dessa diversidade. E não deve deixar-se condicionar por preconceitos. Sou um intransigente combatente de todos os preconceitos. Porque sou humanista e sou um defensor intransigente da igual dignidade da pessoa, independentemente das suas origens.

Há alguma coisa que se arrepende de ter feito ou de não ter feito como MAI?

Fomos interrompidos no meio da legislatura. Eu estava a entrar no ritmo de vapor. Tinha três grandes preocupações quando cheguei. Uma foi garantir que na decisão, que tinha sido tomada pela Assembleia da República, de transição do SEF para as novas funções policiais da PSP, da GNR e da Polícia Judiciária, a segurança das fronteiras fosse salvaguardada. A segunda era garantir o cumprimento das orientações do Tribunal de Contas em relação ao concurso internacional do SIRESP. E em terceiro lugar, garantir a motivação profissional dos profissionais das Forças de Segurança. Fui interrompido a meio dessas coisas. Nós estávamos a conseguir concluir o processo de transição do SEF e aquilo que eu quero de novo garantir é que as fronteiras nacionais estão mais seguras hoje do que quando estavam apenas salvaguardadas pelo SEF. Porque temos muito

CISION

VISÃO

Meio: Imprensa
País: Portugal
Área: 5589,8cm²
Âmbito: Interesse Geral
Period.: Semanal
Pág: 44-55,4,1

ID: 118863805

28-08-2025





mais recursos da Polícia de Segurança Pública, da Guarda Nacional Republicana e da Polícia Judiciária a garantir a segurança de fronteiras nacionais.

Quando vê o País a arder, sente que isso também é responsabilidade do PS?

Não, não é responsabilidade do PS. Eu sempre afirmei que estávamos a viver circunstâncias excecionais e que sempre que houvesse a conjugação de três fatores (ventos acima de 30 km, humidade abaixo de 30% e temperaturas acima de 30ºC) o País estava em risco. Para limitar esse risco é necessário limitar as ignições e por isso as campanhas de informação são tão importantes. Na altura, o dr. Luís Montenegro veio dizer que o ministro da Administração Interna estava a utilizar isto para distrair as atenções do essencial. Julgo que agora já percebeu que afinal...

O que é que agora teria feito de diferente daquilo que fez Luís Montenegro nestes dias?

Aquilo que o dr. Luís Montenegro teria de fazer é aquilo que foi feito em 2022 e 2023. Se for ver os relatórios nacionais e internacionais, foram os melhores anos em termos de números de ignições e de redução da área ardida. Há um indicador muito importante que é o de saber qual é o nível de eficácia média anual no combate aos incêndios até aos 90 minutos. As médias desses dois anos andam acima de 90%, em mais de 80% das ignições ardeu até um hectare. Em 2022, conseguimos que se projetassem os meios para a primeira intervenção em 16 minutos. E em 2023, conseguimos projetá-los em 13 minutos.

Mas o que é que aconteceu este ano? Deitaram fora tudo aquilo que tinham feito?

Há aqui falhas que são detetáveis a olho nu. Entendo que a comissão técnica independente deve avaliar três dimensões. A dimensão da prevenção, que é quando a Guarda Nacional Republicana entra no terreno por volta de fevereiro, março, para notificar os proprietários das limpezas que há que fazer. Nessa fase é quando o Governo deve dar força à comunicação.

Mas quando diz que houve falhas a olho nu, que falhas vê a olho nu?

A olho nu, parece-me que há falhas nessa dimensão da prevenção, particularmente nas limpezas, na notificação e no cumprimento de quem tem deveres de limpeza. Todo o trabalho de antecipação, de pré-posicionamento dos meios, correu mal. Do meu ponto de vista, não foi feito atempadamente, nomeadamente, a ativação do mecanismo europeu de proteção civil. Eu propus que houvesse a ativação do mecanismo europeu e o primeiro-ministro foi dizer: "Não, mas isto são critérios técnicos..." Pois com certeza, os técnicos fornecem a informação, mas não dispensam a decisão política. No dia 1 de agosto, além de propor a ativação do mecanismo europeu, também sugeri em Ancião que o Governo ativasse o P3 da Força Aérea, reforçasse o número de patrulhas das Forças Armadas, reforçasse as patrulhas da GNR e reforçasse as equipas dos bombeiros, porque era necessário entrar em regime de prevenção, dadas as previsões. E isso caiu tudo em saco roto.

Chegou há pouco tempo à liderança do PS, e se calhar há muita gente que ainda não o conhece assim tão bem. Qual é a ideia feita que circula sobre si que é mais errada?

Eu quero que saibam o seguinte: eu sou uma pessoa determinada, sou um corredor de fundo. Também sei correr 100 metros, mas sou um corredor de fundo. Sou um profundo humanista, com uma profunda consciência sobre a necessidade da defesa permanente da dignidade da pessoa. E sou muito corajoso. Quando fui à Venezuela, houve momentos em que corri riscos de vida, porque entendi que tinha de os correr em nome do Estado português, e em nome dos portugueses.

O que é que aconteceu na Venezuela?

Quando eu cheguei ao aeroporto de Guadalupe e há uma mãe de Famalicão, que vinha com o bebé ao colo, e corre para mim e já está a chorar comigo, por eu estar naquela hora lá e por sentir que o Estado português estava junto daquelas pessoas. E depois quando fui a Saint-Barthélemy, numa avioneta de 16 lugares, havia receios até sobre as condições de segurança para aterrar na pista, mas não poderíamos deixar de lá ir às pessoas dizer que o Estado português estava ali para as resgatar, com os meios da Força Aérea nacionais e europeus que mobi-

CISION

VISÃO

Meio: Imprensa **Âmbito:** Interesse Geral
País: Portugal **Period.:** Semanal
Área: 5589,8cm² **Pág:** 44-55,4,1

ID: 118863805 28-08-2025



lizámos na altura. Mas também não me esqueço quando fui a uma cadeia na Venezuela, que tinha dois jovens portugueses, que estavam presos sem culpa formada. Eu podia ter-me atido às notas de protesto do Ministério dos Estados Estrangeiros, mas eu quis ir à cadeia. Tarde na noite já, fui com o embaixador Júlio Vilela à cadeia. E a mãe, que nos acompanhou, incrédula sobre as possibilidades de nós podermos ajudar esses jovens. Eu disse-lhe: "Fique tranquila que eu darei tudo o que puder para que eles possam sair da cadeia." Estávamos numa sessão no Centro Português de Caracas, quando depois do que fiz, e só eles sabem o que eu fiz, recebemos a notícia de que esses jovens iam ser libertos. Fiz sessões na Venezuela para montar uma estratégia de apoio médico à Venezuela, quando não havia medicamentos na Venezuela. Os italianos depois foram atrás de nós. Os espanhóis foram atrás de nós. E a Europa não tinha uma resposta para retirar os cidadãos europeus.

O que é que isto faz sentir?

Faz sentir que vale a pena estar na política. Se não estivéssemos na política, não podíamos ajudar aquelas pessoas. Mas o mesmo aconteceu em Moçambique, após o furacão. Estavam 300 portugueses em condições em que não havia infraestruturas de água, infraestruturas de eletricidade, não havia comunicações, e estavam a temer pela perda dos víveres, porque todos os sistemas de refrigeração estavam a entrar em colapso, e havia receios da cólera. Nós estávamos no hotel, às duas da manhã, e havia tiroteios à porta do hotel. O que havia de ser diretor-executivo do SNS, o Gandra D'Almeida, foi o médico que vacinou mais de 1 500 pessoas portuguesas e moçambicanas numa missão liderada por mim. Portanto, quando, às vezes, ouço que me falta coragem... não faz sentido.

Como secretário-geral adjunto de António Costa, fez muitas vezes aquilo a que se chama o roteiro da carne assada. Nessas suas várias voltas pelo País socialista, o que é que viu?

Tenho refletido muito sobre isso. O que tenho visto é uma grande generosidade. Os socialistas, na sua maioria, não têm que ver com quem exerce funções dirigentes. Estou a falar das bases. Os simpatizantes do PS, se há marca que os caracteriza, é a generosidade. São pessoas que estão há 20, 30 anos como militantes e estão pelos outros. É uma coisa extraordinária que a gente encontra por todo o lado. Agora nos Açores, encontrei uma senhora que me disse: "Andávamos noites inteiras a colocar os cartazes, a fazer as nossas pinturas, a mobilizar as pessoas. E sabe? Nunca pedi nada a ninguém." Isto é de uma generosidade extraordinária. E é essa força que eu estou a reencontrar agora com a vontade de o PS se reerguer.

Se o PS tem pessoas como o autarca Ricardo Leão, que vota favoravelmente propostas do Chega, e ao mesmo tempo pessoas como Isabel Moreira ou João Costa, muito ativas na luta contra o racismo e a xenofobia, em que ponto é que fica o partido?

O PS tem uma declaração de princípios e temos de a defender. Na declaração de princípios estão os nossos direitos constitucionais. A liberdade, a igualdade, a justiça social. É evidente que um autarca tem de cumprir a lei e fazer cumprir a lei. Aquilo que nós desejamos é que o faça com o sentido do humanismo e de solidariedade social. Mas é evidente que também temos de ter a consciência de que, perante as dificuldades, um autarca não pode ficar só nessa dificuldade. Tem de contar com a intervenção das forças, dos serviços, do Governo, que podem auxiliá-lo a encontrar as soluções. Por isso é que eu fui falar com a Igreja Católica e fui ver as construções modulares. Senti que era o meu dever avançar com uma proposta para procurar encontrar um equilíbrio.

Está a falar em encontrar casas modulares para o Bairro do Talude?

E para outros. Porque aquilo que viveu o autarca de Loures já se viveu na Amadora, já se viveu em Almada. Eu entendo que nós temos o dever de, permanentemente, lembrar os nossos valores. Porque, perante a pressão, as pessoas, por vezes, cedem.

Essa ideia de não perder os valores do PS é importante para as autárquicas?

Vamos reafirmar os nossos princípios, os nossos valores, o nosso compromisso autárquico. E vamos estabelecer, como é evidente, linhas vermelhas em relação a algumas matérias.

Nomeadamente...?

Nomeadamente, no pós-eleições. É inaceitável que haja acordos coligatórios em sede municipal com o Chega.

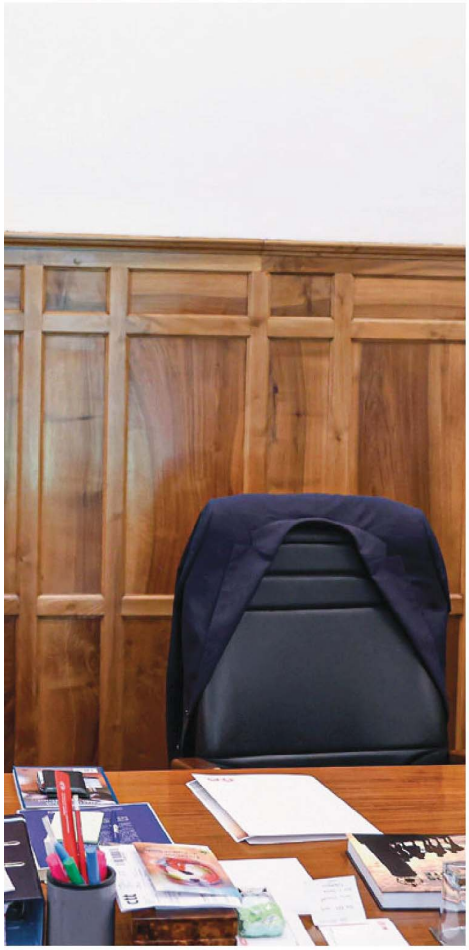
Pedro Nuno Santos foi um radical?

CISION

VISÃO

Meio: Imprensa **Âmbito:** Interesse Geral
País: Portugal **Period.:** Semanal
Área: 5589,8cm² **Pág:** 44-55,4,1

ID: 118863805 28-08-2025



Em quê?
Isso é uma pergunta que tem de ser feita ao Pedro Nuno Santos. O Partido Socialista é um partido muito plural. Por isso é que tive o cuidado de, no nosso conselho estratégico, ir buscar desde pessoas que estão mais à esquerda no Partido Socialista até pessoas que vão até à democracia cristã. É essa diversidade, essa pluralidade, que um líder do PS tem de ser capaz de representar, de interpretar.
E Pedro Nuno Santos não representou essa pluralidade?
Entendo que o Pedro Nuno Santos deu o melhor de si, com o seu perfil.

> **“Quero que saibam o seguinte: eu sou uma pessoa determinada, sou um corredor de fundo. Também sei correr 100 metros, mas sou um corredor de fundo”**

Somos pessoas diferentes, temos mundividências diferentes.
Mas não consegue dizer se é justo ou injusto considerar Pedro Nuno Santos é um radical?
Tínhamos de discutir o que é que se entende por radical. Eu também posso considerar-me um radical na defesa dos valores e na defesa dos princípios. Sou um radical humanista, sou um radical defensor da economia de mercado, sou um radical europeísta.
Já percebeu o que é que aconteceu ao PS no dia 18 de maio?
Esse trabalho de análise foi feito na campanha interna que fiz, com 20 sessões por todo o País. Foram sessões muito participadas, falei com mais de três mil militantes, simpatizantes. Eu diria que nós fomos, em certa medida, vítimas da instrumentalização de bolsas de descontentamento que ganharam uma amplificação pública que não tem, do meu ponto de vista, articulação com a realidade.
Portanto, o PS foi vítima de uma injustiça?
Houve muita injustiça na forma como o PS no governo foi atacado. Veja, na Saúde, este Governo veio dizer que resolveria os assuntos ao fim de um ano. O que se verifica é que passou um ano e as questões agudizaram-se. O Governo vinha dizer que o PRR não tinha execução porque o governo do PS era incapaz. Vamos olhar para os níveis de investimento público. Eles caíram como nunca no ano 2024. Oito anos a martelar a opinião pública de que nós crescíamos pouco, que os países do Leste estavam a ultrapassar Portugal. Bom, o que é certo é que o Governo está a cair abaixo de todas as previsões que fez para o País e para a União Europeia. Na habitação, o Governo também tinha soluções que nunca mais acabavam. Agora, o certo é que não resolve assuntos graves. O Governo está a mostrar um falhanço total na Saúde, na Habitação, está a falhar na economia, está a falhar nos rendimentos e nas funções de soberania. Está a mostrar uma grande fragilidade nas funções de soberania. Não é só agora o que está a acontecer nos incêndios. O apagão mostrou uma grande impreparação na forma de tratar politicamente um assunto que mexeu com as funções de soberania. Nota-se que há uma insensibilidade e uma indiferença em relação à vida das pessoas. Entendo que o primeiro-ministro e os membros do Governo têm de ter férias. Devem ter férias. Isso é uma questão. Outra coisa é não ter sensibilidade. O Governo mostra uma grande desumanidade na forma como está a atuar.
Em que é que se nota essa insensibilidade?
O Governo avança com uma lei de estrangeiros que quer debilitar o direito ao reagrupamento familiar. Isto é uma afronta ao direito da família. O Governo avança com propostas de legislação laboral que vão lançar milhares de jovens nos recibos verdes, porque permite o despedimento por extinção de funções e a seguir o recrutamento *outsourcing*. Ataca as famílias ao desregular os horários.
Há alguma coisa de bom nesta reforma laboral?
Estamos a fazer esse trabalho de levantamento daquilo que foi anunciado. Até agora, as opções de política que pude vislumbrar são muito negativas. Elas ofendem os jovens, ofendem profundamente a família, ofendem profundamente as mulheres e os setores mais vulneráveis. Quando deixa de ser do foro do direito penal o trabalho não declarado, estamos a lançar no trabalho informal os trabalhadores. Isto atinge os que trabalham na agricultura, no serviço doméstico, na restauração, na hotelaria, na construção civil. Atinge os mais frágeis. São políticas de uma desumanidade brutal. Porque é que, então, o PS faz tanto esforço para continuar a dialogar com o primeiro-ministro? Porque eu tenho o dever de tudo fazer para evitar que partidos como o PSD e o CDS caiam nas mãos de quem atenta contra estes valores... Estão a cair nas mãos de um partido que está a organizar uma manifestação contra o Tribunal Constitucional!
Como é que acha que está a ser tratado pelo PSD, nesta sua tentativa de, como diz, salvar o PSD dessa deriva extremista?
O primeiro-ministro mostrou uma abertura, nomeadamente em relação às comunicações que lhe fiz, para as questões da Defesa e para as questões da Saúde.
Mas isso talvez seja muito em privado, porque em público depois...
É, eu entendo que eu tenho de continuar a fazer. Resistirei às críticas sobre as missivas. Eu cumprirei aquilo que é o meu dever para com os eleitores, que é criticar, mas apresentar alternativas.

CISION

VISÃO

ID: 118863805

28-08-2025

Meio: Imprensa
País: Portugal
Área: 5589,8cm²
Âmbito: Interesse Geral
Period.: Semanal
Pág: 44-55,4,1



Estamos na iminência de haver uma revisão constitucional com os dois terços da direita...
Vamos aguardar pela atitude dos partidos. Faço um apelo também por esta via ao primeiro-ministro, ao PSD e ao CDS, para que não esqueçam os valores dos seus fundadores. Não esqueçam Sá Carneiro, não esqueçam Freitas do Amaral, não esqueçam Adelino Amaro da Costa, não esqueçam Lucas Pires. Não esqueçam essas personalidades que, com o Partido Socialista, de Mário Soares e tantos outros, construíram os nossos valores constitucionais.
Sendo assim, qual é o principal adversário político do PS? É a AD ou é o Chega?
O nosso competidor é a AD.
E os parceiros estratégicos continuam a ser os partidos da esquerda?
Há matérias do chamado consenso democrático, que são matérias nas quais devemos construir esse consenso com os partidos da AD. Refiro-me aos compromissos de política externa, de defesa nacional, de segurança interna e também as matérias que têm que ver com a reforma estrutural do Estado. Mas há matérias com as quais nós temos um histórico consolidado de diálogo com os partidos da nossa esquerda. Temos um histórico de cooperação que deve manter-se e deve ser objeto de um diálogo regular e permanente. Das primeiras visitas que fiz foi à UGT, e só não fiz à CGTP porque ficámos de nos encontrar depois da minha eleição.
Mas, entretanto, já se encontrou com Tiago Oliveira, secretário-geral da CGTP?
Ficámos de nos encontrar.
Portanto, não tem portas fechadas à sua esquerda?
De forma alguma.
Ser um político de consensos num tempo de polarização tão forte é um ativo? Porquê e para quem?
Para os portugueses e para o Estado, que é a comunidade politicamente organizada.
Também é capaz de ruturas?
Nós precisamos de uma política reformista, gradualista, que dê passos em frente, avalie, teste e vá caminhando. E precisamos também muitas vezes de algumas ruturas, se elas forem construtivas. Devemos fazer reformas com as pessoas, com as instituições, não contra elas, porque é evidente que reformas que sejam feitas contra as pessoas e contra as instituições não têm condições para produzir os seus efeitos.
Vai anunciar a viabilização do Orçamento do Estado sem o ver ou vai negociar?
Vamos aguardar pela apresentação da proposta do Orçamento do Estado. Seria irresponsável termos uma posição sobre o Orçamento sem o conhecer. Nós não deixaremos de apresentar a nossa visão relativamente ao Orçamento e às opções de política económica, de política social, de política cultural, de política educativa e de política para as funções essenciais do Estado.
Quais são as medidas que tornariam impossível viabilizar um Orçamento?
Há linhas vermelhas. As matérias laborais, as matérias da Saúde, as matérias da Segurança Social pública e sustentável.
Não está fora de hipótese o PS chumbar o Orçamento?
Temos de manter todos os cenários em aberto. Até aguardarmos pela proposta que o Governo fará.
Não ser o partido mais votado nas próximas autárquicas e perder a liderança da Associação Nacional de Municípios será uma derrota? O PS aguenta mais uma derrota eleitoral? Como é que reagirá a um desaire?
Temos um objetivo político: ganhar o maior número de câmaras, ganhar o maior número de assembleias municipais e ganhar o maior número de juntas de freguesia. É evidente que as eleições autárquicas são, em primeiro lugar, uma avaliação de cada um dos 308 projetos locais e de cada uma e de cada um dos 308 intérpretes desses projetos. Mas é também um sinal político nacional.
E como é que vai ler esse sinal político nacional se houver um desaire?
Vamos aguardar pelo sinal que os portugueses queiram dar-nos.
Ganhar o Porto e Lisboa, mesmo sem ser o partido com mais câmaras, será ainda assim uma vitória?
Quando se vai para uma eleição, eu parto do pressuposto de que todos partem com o mesmo princípio: é para ganhar, não é para perder. Há alguns que partem com mais dificuldades, outros que partem com menos dificuldades. Mas quando partimos, é para ganhar. Em todo o lado. É para ganhar Lisboa? Sim, com certeza. Estamos aqui para ganhar, não estamos aqui para perder. Porto é para ganhar. Mas queremos ganhar Braga, queremos ganhar Viseu, queremos ganhar Faro, queremos ganhar Coimbra, queremos ganhar Setúbal, queremos ganhar Santarém, enfim. Queria que aqueles que vão ler-nos não tenham a ideia de que eu não falei neles porque não queremos também ganhar nos outros locais. Nós, em 2021, fizemos a nossa escala de prioridades, investimentos, riscos, oportunidades. Na noite das eleições, caiu-nos uma que nós não tínhamos imaginado que pudéssemos ganhar.

> **“Antonio José Seguro? Agora, não se vislumbra neste momento outro nome que possa emergir da área do Partido Socialista”**

CISION

VISÃO

Meio: Imprensa **Âmbito:** Interesse Geral
País: Portugal **Period.:** Semanal
Área: 5589,8cm² **Pág:** 44-55,4,1

ID: 118863805 28-08-2025



E perdemos outras que nós pensávamos que íamos ganhar. Há sempre um grau de imprevisibilidade muito grande. O que eu peço aos candidatos é que deem o máximo de si. E sejam claros nas prioridades que temos para servir as pessoas: o emprego qualificado para os mais jovens que querem fixar-se nos seus territórios, a Saúde, a Habitação, o rendimento, os transportes, a mobilidade. Nós temos provas dadas. Enquanto alguns ainda querem mostrar o que são, nós temos provas dadas. Temos gente que fez, gente que faz. São pessoas de confiança. E temos os projetos mais inovadores no poder local democrático.

De que é que está à espera para apoiar António José Seguro?

Estou à espera de 12 de outubro. Eu não sou, contrariamente àquilo que se possa pensar, suscetível a pressões. Não vale a pena andarem, por portas e travessas, a tentar condicionar aquilo que o secretário-geral decidiu, e decidiu em respeito pelo órgão mais importante do partido entre congressos, que é a Comissão Nacional. Tenho bem a consciência de que nós temos de chegar às autárquicas o mais fortes possível, para termos o melhor resultado possível.

E é certo que apoiarão um candidato?

Vamos ouvir a Comissão Nacional.

Se a Comissão Nacional decidir não apoiar nenhum candidato, o José Luís Carneiro apoia pessoalmente António José Seguro?

Vamos aguardar porque a minha pronúncia agora seria uma pronúncia que condiciona a Comissão Nacional. Agora, não se vislumbra neste momento outro nome que possa emergir da área do Partido Socialista.

Conversa com António Costa?

Sim. A última conversa que tivemos foi sobre as questões europeias. Acho que até mesmo é um dever do secretário-geral falar com quem domina as questões... Por exemplo, há dias tive uma grande conversa com o Jaime Gama, já não estava com ele há muito tempo. Acho que o líder do partido tem de ter essas conversas, assim como entendo que o primeiro-ministro devia ter como prioridade dialogar com o líder do principal partido da oposição.

Que é o Chega.

Que é o PS. Somos o que teve mais votos. E somos o mais importante partido do poder local democrático.

Na sua perspetiva, o PS ainda é o partido líder da oposição?

O Partido Socialista é o que está do Norte ao Sul, do Litoral ao Interior, nas regiões autónomas, que está no Parlamento Europeu, com uma das maiores expressões. Qual foi o partido que nos trouxe a liberdade? Cujos dirigentes viveram na clandestinidade para que hoje até possam aparecer partidos que sejam contra o próprio sistema democrático? O Partido Socialista é o mais importante partido português. Para mim, isto é claro. “”

Isso não acontece?

Não tem acontecido. E acho que devia ter acontecido. Isso é normal em vida democrática. Eu entendo que não tenho o dever de mandar consecutivamente mensagens ao primeiro-ministro, porque estou a intrometer-me naquilo que é a sua ação. Mas o primeiro-ministro deve chamar com regularidade os líderes da oposição, neste caso o líder do principal partido da oposição, e ouvi-lo. Eu ter-lhe-ia dado várias sugestões, se me tivesse ouvido, em relação à forma como o processo estava a ser conduzido no que respeita aos incêndios. Mas assim como eu entendo isto, também entendo que quem lidera o Partido Socialista deve falar com os anteriores líderes.

Inclusive com Pedro Nuno Santos?

Tenho falado com ele e, aliás, dei-lhe conta de que gostava muito que ele pudesse ter um papel ativo na vida do Partido Socialista.

Está a pensar alguma coisa específica para ele?

Bom, não queria revelar. Conversei com ele, mas digo-o genuinamente. Não estou a dizê-lo por uma questão do utilitarismo político.

Diz-se que ser líder na oposição é o pior emprego da democracia. Concorda?

Estou a sentir-me bastante motivado e bastante convicto da importância da função. Sinto-me muito realizado em assumir esta função de grande importância política e estratégica para o futuro do País. As funções de maioria e de oposição são sempre transitórias. Espero vir a ter a oportunidade, um dia, de ter a confiança dos portugueses e poder, à frente do País, mostrar como a experiência de vida, a experiência profissional e a experiência política que tive podem ser úteis ao serviço das condições de vida das pessoas, fazendo uma interpretação profunda do interesse nacional. visao@visao.pt

CISION

VISÃO

Meio: Imprensa
País: Portugal
Área: 5589,8cm²
Âmbito: Interesse Geral
Period.: Semanal
Pág: 44-55,4,1

ID: 118863805

28-08-2025



JOSÉ CARLOS CARVALHO

"Sou muito corajoso e já dei provas disso" 44

Em entrevista à VISÃO, o secretário-geral do PS afirma ser ele o líder da oposição (e não André Ventura) e explica porquê. Entre propostas políticas e críticas cerradas ao Governo, José Luís Carneiro define linhas vermelhas para a viabilização do próximo Orçamento e revela aspetos da sua vida pessoal. No futsal, parece que temos craque. E na política?

CISION

VISÃO

Meio: Imprensa
País: Portugal
Área: 5589,8cm²
Âmbito: Interesse Geral
Period.: Semanal
Pág: 44-55,4,1

ID: 118863805
28-08-2025



GRANDE ENTREVISTA **JOSÉ LUÍS CARNEIRO**

"SEI CORRER OS 100 METROS, MAS SOU UM CORREDOR DE FUNDO"